

FORMAÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL

Este império que nos parecia a soma de todas as maravilhas,
é um esfacelo sem fim e sem forma, e sua corrupção
é gangrenosa demais para ser remediada pelo nosso cetro.
As Cidades Invisíveis - Ítalo Calvino

Gilberto Freyre além de tantos méritos expôs uma visão poético-pictórica do processo de ocupação de território que foi construindo um espaço denominado Brasil. Acertadamente aponta a ação humana produzindo o espaço, e transformando a ilusão de “meio natural”, já que percebe não haver tal “espaço natural” sofrendo, sabidamente, interferência de transeuntes e usuários. No caso humano, a interferência é profunda, constante, intencional e irreversível. O espaço é uma imagem construída pela cultura (Santos, 2004, p.29), e mesmo que esse processo seja dialético, a ideia da não existência de um “espaço bruto” é fascinante e poético em toda sua potencial violência, mas também na fantasmagoria dos passos, trilhas e deslocamentos. É o fascínio da história animal em movimento, humana ou não.



J. M. RUGENDAS: *Rua Direita*, c.1827-35.
Litografia, 36,4 x 55 cm.

Rio de Janeiro, Museu Castro Maya / Iphan.

Espaços de poder de dentro de terras brutas, de uma África esturricada e arisca, vendem gente de arrasto rumo às florestas medonhas e agressivas, em traslados de corpos postos a ferros, dobrados pelas armas e jogos comerciais em portos ancestrais. Escambo vil que interessou também a seus irmãos de cor e continente. As vendas seguiram pelo pendor do possuir. Negociar corpos já era norma cultural na África e Europa - documentos arqueológicos comprovam tal fato. O mesmo não se viu entre índios locais, cuja frugalidade e instabilidade geográfica dificultavam o “luxo” da manutenção de cativos de guerra, optando-se, na maioria dos casos, por comê-los ou matá-los. Escravo demanda cuidado e custo.

Pelas mãos do sociólogo-poeta somos levados aos entornos das casas-grandes onde risadas infantis de folguedos inocentes e cruéis entre os filhos do senhor e os moleques da senzala ressoam na história. Espaços de cantigas e sussurros, em alas revestidas de suspiros e subserviência, guardam sob a poeira do tempo, indiferença e violência normatizada.



“Jantar no Brasil” - Debret - 1827

Por outro lado, segundo Gilberto Freyre, tivemos sorte por nossa colonização ter sido feita por nação tão pouco europeizada, tão pouco associada às mentalidades correntes do capitalismo nascente, panaceia sob investidura cristã. Tivéssemos sido, e teríamos perdido a capacidade de usufruir prazeres, sob o jugo de algum dever demoníaco: ou de um deus feroz ou por ordens de uma acumulação apequenada. Para o autor, Portugal já era favorecido por sua diversidade cultural que, desde sempre, impregnou as colônias com algo mais além da ganância. Para ele, Portugal já era semiocidental, pela composição de sua etnia, com mouros, israelitas e pelos que chamou maometanos (Freyre, 2002, p. 1086). E com as novas colônias (Goa e Macau), maior influência oriental sofreriam tanto o Brasil, como também sua metrópole. E, afinal, se nos espaços precisamos nos orientar para fixarmos rumos certos, podemos dizer que o Oriente existe também para permitir ao Ocidente “orientar-se”, cartografar-se, delimitando, comparando, nomeando e controlando a si mesmo, de olhos sempre no diverso, seu inverso, o Oriente.



Debret - Visita ao campo

Segundo Freyre, sobrevivemos folgados, sonhando em repor a canga no irmão ao lado, enquanto empurrávamos a rede de balanço com o cajado, ou nos esparramávamos sobre esteiras e almofadas. A ideia de exploração persistiu sobre a da colonização, liderando a adaptação dos grupos, etnias e culturas que se amalgamaram pelas matas e infinitas praias, produzindo novas formas de se viver, hereticamente cristã, hereticamente europeia – nunca puras, nunca rígidas. Fosse por ignorância ou ganância, fosse por abandono e indiferença construíram formas muito diversas de se espalhar por um território cujo projeto de ocupação foi deixado frouxo, sem se submeter realmente, a nenhuma

lei. Sorte e desgraça.

Mais de quinhentos anos depois, arcamos com a falência de um sistema que desprezou seus formadores, não cidadãos, seus escravos - carga e tração, usando essa força para uma ascensão social espúria. Não se consegue superar o trauma do distanciamento dos poderes administrativos dos interesses de um grupo étnico que se espalhou, sem rumo, desde então. No susto dos novos tempos, a escravidão somou outro traço de horror incluído ao vaivém da moderna *urbis*. Nos movimentos liberais, afinados com a França, o direito à propriedade privada reivindicado pela burguesia contra a nobreza feudal, foi usado no Brasil para a manutenção da “propriedade sobre os escravos”, numa flagrante manipulação de conceitos (Da Costa, 1971, p. 93).

Apesar da violência, uma rica cultura oral se instalará em plena era do capitalismo nascente em terras coloniais, onde um saber familiar e confiável é construído a partir das muitas matrizes culturais que se amalgamaram, lentamente, pelos espaços semiocupados. Cantigas, dizeres, benzeduras e unguentos misturaram antigos conhecimentos advindos de outras raízes com os frutos da terra, adaptados. Para Walter Benjamin, esses conhecimentos, suas histórias e tradições, são riquezas transmitidas pelo artesão sedentário ou pelo comerciante ou pelo marinheiro viajante. De muito longe, ou de muito antigas, sabedorias são transmitidas num tempo que só pode ser respeitado se um determinado espaço se mantém. Tempo e lugar constroem um ritmo possível para se contar, aconselhar, trocar, vivenciar experiências e saberes (Benjamin, 1975, p.65)¹. São os fios do tempo que aproximam a história de nossas memórias. A interrupção desse narrar relaciona-se ao ritmo imposto sobre os dias, no empobrecimento pela busca de riqueza no capital, ao custo de pobreza simbólica.



Negras livres vendedoras de angu - Debret -1834

A partir do século XIX, a sociedade patriarcal e escravocrata sofrerá imposição de uma “civilização” europeia que acelera a transformação de espaços sociais e o abandono de antigos hábitos, rumo à formação de novas bases ideológicas do Estado-Nação em formação. O formato dessa organização político-social apóia-se na razão, na mercadoria e na lógica do lucro. A escravidão não pode ser mais acintosa, nem mais cruel, pois o que deve circular agora não é a indolência do senhor de escravos, balançando em sua rede, mas novos desejos despertados pelos fetiches, pelo consumo, pela modernidade. E o novo tempo modifica o espaço adaptando-o ao novo ritmo, ao novo fluxo.

O mundo rural deixa de ser parâmetro de soberania, e a terra seu maior pendão, mas uma contínua sucessão de estímulos e de novas formas de acumulação altera ambições e deslocamentos. Velhas

¹ Walter Benjamin enaltece a figura do narrador, aquele que transmite suas experiências às gerações subsequentes. Ele escreve: “Um conselho, fiado no tecido da existência vivida, é sabedoria”, mas apenas o compasso de uma vida com vagar permite que essa riqueza seja transmitida.

senzalas são deixadas em ruínas, enquanto estradas são rasgadas por novas buscas. Nessas andanças, buscas de pertencimento nem que seja em aglomerados caóticos pelas obras que vão surgindo, a uma paisagem se torna mais ameaçadora que a escura selva – refúgios de refugiados.

Custou ao negro outro século para que pudesse usufruir de uma legislação com peso equivalente a dos antigos senhores. E, mesmo quando se fez lei² foi, por muito tempo, ignorada por juízes, advogados, promotores e sociedade civil. Aliás, quando a lei finalmente foi assumida, não se reconheceu o aviltamento das ações político-sociais do passado em sua indiferença criminosa sobre a formação de seu novo corpo social. Tivessem reconhecido as falhas na sustentação do novo cidadão, e ter-se-iam evitado os corpos amontoados em favelas, mocambos e outras formas destrutivas de ocupação do espaço nacional, rodeando cidades incipientes, já que qualquer uso do espaço rural se fez proibitivo. A terra, fonte do antigopoder e privilégio, manteve-se interdita.



Mocambos e Alagados - Percy Lau -IBGE

Freyre percebe que, após a abolição da escravatura, não houve uma dispersão dos ex-escravos rumo a novas fronteiras agrícolas pelo interior do território, mas um processo caótico e dolorido, onde o indivíduo, recém libertado, foi conduzido a uma diáspora confusa, abandonado a uma liberdade indigente. A libertação foi tão desastrosa e cruel que Freyre, romanticamente, afirma que, pelo menos nas senzalas, os antagonismos eram mantidos (a que preço?) em equilíbrio (Freyre, 2002, p.857). Agarrar-se ao conhecido era menos aterrador, e muitos ex-escravos escolheram permanecer nas fazendas onde se sentiam mais protegidos. Esse sentido de “proteção” tem em Machado de Assis (mulato privilegiado), uma leitura irônica:

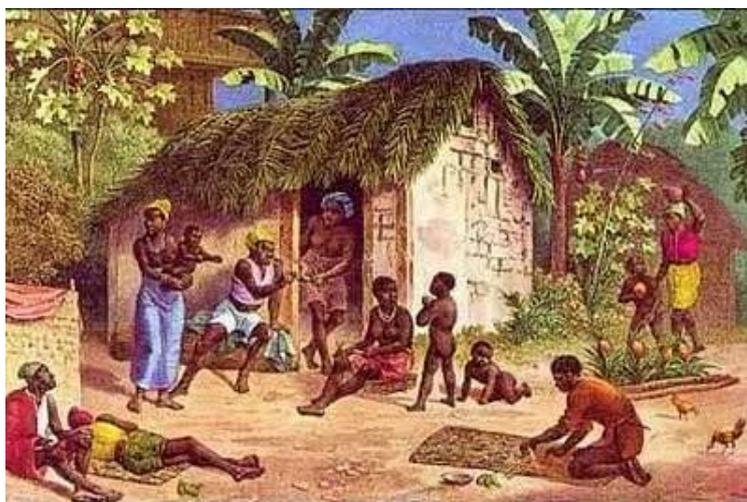
Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. (Machado de Assis, 2000, 19).

Depois de tanto navio de produção única, tanto navio de corpos roubados, séculos de monocultura insana e suicida, eis que negros são deixados para trás por um novo jogo desconfiado, mas veloz, do salário imigrante. Abandonados, sem proteção legal, sem formação profissional, sem estrutura territorial para abarcá-los, ou qualquer estrutura produtiva para aproveitá-los, seus braços

² A chamada Lei Áurea de 13 de maio de 1888.

inutilizados são lançados pelas estradas. Estradas arrivistas por um fluxo mercantil dispersaram destinos postos em abandono vil, sob a pecha de menor, na ingratição sobre uma negritude constituinte do espaço nacional. Riscando o chão e mudando com o solado a paisagem de solo duro, quente e disputado pelos poderosos, enfatizaram-se as marcas que a cultura imprimiu na paisagem. “Quanto mais atributos e domínios de intervenção do poder público foram desenvolvidos, mais o efeito cultural das fronteiras foi acentuado” (Claval, 2001, p.174).

Perambulando estradas por trocados, servicinhos escusos, imorais ou supérfluos, tinham seus dotes rejeitados por todos, até pelos imigrantes brancos, apartados de um circuito de trocas que se moldava, na tentativa tênue de construir uma ‘cidadania’. Termo estranho já que mal havia cidades. Seguiram pelo jogo da sorte, no jogo da negação. Para Freyre, o passado se revestia de dor e melancolia, enquanto o sonho do futuro se foi tornando perigosamente ingênuo e evolucionista, quando não, linear, enquanto o passado, ainda que edulcorado, se alicerçava numa memória confrontada com os dados oficiais que lhe conferiam verossimilhança.



Quilombo de Palmares – Debret

Soltos nas estradas, o êxodo rural deu-se com ex-escravos palmilhando possibilidades em novos ofícios desprezados por imigrantes e velhos colonizadores. O caboclo, figura que reuniu heranças culturais de tantas latitudes, inventa as habitações mais afeitas ao clima da terra: muita palha, muito vão, amplidão agreste de mato indócil e técnicas pouco desenvolvidas (Freitas, 1987, p.28). O solo delicado e raso foi sempre tratado com rusticidade como a maioria das áreas florestais do país, adubos, mesmo os orgânicos eram desconhecidos. Salvo o rodízio de descanso, nenhuma outra técnica mais eficaz fora aplicada para a sobrevivência, seja de índios, cafuzos, quilombolas, etc, associando nomadismo à agricultura itinerante. Segundo Freitas, o excesso de lavagem dos solos nas regiões equatoriais e tropicais devido às chuvas, esterilizava o solo, e nas queimadas o enriquecimento do solo deu-se às custas de seu esgotamento precoce. As roças pobres refletiram sempre as lições indígenas, com a diferença de que as áreas de caça foram cercadas e privatizadas. Por outro lado foram afastados do litoral todos os antigos agregados e a diáspora, ao invés de redentora, foi punitiva. Aos índios reservas, aos caboclos e cafuzos abandono e reclusão.

Mudam os tratos, reduzem-se os espaços, surge um nomadismo forçado. A Lei de Terras de 1850 impedia que terras devolutas fossem ocupadas. Elas tinham de ser compradas, e a altos preços. Foram extintos o usucapião, a grilagem e outras ocupações, garantindo a distribuição das terras para a oligarquia tradicional. Não apenas negros e caboclos foram excluídos, mas também o imigrante europeu, garantindo sua disponibilidade como mão-de-obra barata em substituição à tração escrava. Freyre alega uma semelhança entre duas estruturas fundiárias: a nacional e a européia feudal (Freyre, 2002, p. 1022), porém, o isolamento comum às duas não pode ser confundido com as

unidades feudais autossuficientes dos séculos V ao XV. Enquanto aquelas se organizavam independentemente de um interesse econômico centralizado, a estrutura fragmentária implantada no Brasil foi fruto de uma organização centralizada, capitalista, intencionalmente ligada à acumulação de riquezas de uma Europa moderna, onde há a imposição da produção do lucro junto a um mercado externo, associado ao capital internacional, desde sua origem.

Enquanto isso, espaços urbanos foram sendo ocupados por entulhos humanos, e setores foram criados para delimitar e isolar comportamentos escandalosos. As ruas encheram-se de seios nus de índias, mucamas e prostitutas. Embora os traçados das cidades tenham seguido projetos oficiais de Portugal, apenas os centros das cidades respeitavam as ordens da matriz. Ao contrário dos tabuleiros barrocos das cidades espanholas, o projeto colonial português partia da localização nobre da Catedral, que deveria ficar no centro do povoado, no alto de um vasto retângulo e, quando houvesse mar, deveria ficar sempre de frente para as águas, ladeada pelo Palácio do Governo, a Cadeia Pública, a Câmara Municipal e algumas casas afidalgadas, completando a forma de U de todas as praças. Dessa praça central, caminhos iam se rasgando, perseguindo as bicas encontradas por caminhos marcados pelos cascos de burros, jegues e cavalos, demarcando as futuras ruas, sinuosas e estreitas. No alastramento de seus caminhos, rumavam aos remansos a cavalos e áreas de trocas distantes das igrejas, já que mercados, barulhentos e gananciosos, contra os Evangelhos, se deslocaram pudicamente para ruas distantes e tortuosas como medinas. A rua se tornou a inimiga, pois transformou-se em palco do espetáculo de um contrapoder de sujeira e penúria.



Cortiços do início do século XX – s/autoria nem data.

A ocupação, insistindo em nossa frouxidão estrutural, escapou também aos controles totais. O território é de se perder entre as matas e o imenso litoral recortado e isolado. Sobre o fragmento aberto em frestas do interdito, criam-se novas formas de conhecimento. Canoas diversas, quase infinitas, desenham formas variadas de avançar sobre as ondas em busca de alimento. Serão mais de duzentas formas de construção de canoas, demonstrando o isolamento e a criatividade para dar soluções a um sobreviver e circular no mundo³. Assim, sobrou o perder-se, trombando e criando jeitos de vivência, sobrepondo controles até então estranhos aos europeus. O país tornou-se polifônico, como diria um músico ou Bakhtin, somando e embaralhando referências e soluções.

A globalização iniciada desde sempre com cada conquista e dominação entre povos, acelera-se no século XV com a incorporação de novos territórios, estreitando os vínculos culturais com os dos mercados, ativando uma homogeneização sob a hegemonia europeia. Segundo Freyre, muito antes de sua europeização, a nova colônia brasileira já vivia por séculos sob influências diversas como a

³ Segundo a afirmação do ex-Presidente Nacional do Iphan, Dalmo Vieira Fo., arquiteto, pesquisador e professor de patrimônio nacional, “nenhum outro país possui tal diversidade de embarcações ao longo de suas costas”.

indígena, a africana, mas também, e em grande medida, ao do extremo oriente, de cujas colônias Portugal trazia mercadorias e costumes para a Europa e depois para suas colônias. Assim, desde os espaços públicos ou privados, até hábitos, gostos e vestimentas, prevaleceram outras formas culturais não europeias, até o século XIX. Essa ideia será defendida num dos capítulos de *Sobrados e Mucambos*, “O Oriente e o Ocidente” (Freyre, 2002, p. 1089). Tal aproximação ocorreu pela necessidade imperativa do capitalismo emergente de circulação de mercadorias recebendo a denominação técnica de Capitalismo Mercantil. Na narrativa de Freyre, a globalização é um ganho cultural para as culturas envolvidas. *Avant la lettre*, confronta inclinações eugenistas de seu tempo, aprovando uma certa inclinação anarquizante na qual tecnologias, arquitetura e até o sexo, misturam-se neste caldeirão tropical.

Nos séculos XVIII e XIX, a urbanização do patriarcalismo introduziu um maior individualismo, lasseando formas de controle sobre filhos, mulheres e escravos, agora mais soltos da rotina doméstica. E a rua “outrora só de negros, mascates e moleques, se aristocratizaria” (Freyre, 2002, p. 740). Mas este processo não se sustenta por muito tempo, pois, sob a pressão de mercado a memória se esgarça e se esvai, pisoteada pela velocidade do fluxo que corta as cidades, impondo transformações na circulação, nas fachadas, marcadas pela modernidade, mas também pela pobreza do abandono.

As criações de pedra e cal, de mármore, de bronze com que as famílias patriarcais ou tutelares pretenderam firmar seu domínio não só no espaço como no tempo – vem sendo quebrado à vista de toda a gente (Freyre, 2002, p. 749).

Percorremos ruas com rastros de tempos sobrepostos, limitantes ao convívio, apartados do mundo privado, privilegiado em confinamento. Memórias sobrepostas de lutas presentes, espaços que se acusam, como balaustradas carcomidas sobre cornijas anacrônicas, cujos sobrados senhoriais são transformados em cabeças-de-porco. Casarios inteiros ecoando fantasmas da senzala como do sobrado senhorial em palimpsestos de descaso sistemático da administração pública sem projeto, insistindo em ações predadoras, atraindo o caos, a desconfiança e a violência. O que domina condena ao deboche clássico de Getúlio Vargas chamado pai-dos-pobres, mas sabido mãe-dos-ricos: “Aos amigos tudo, aos inimigos, os rigores da lei”, foi um ditado que ficou para os dias de hoje.



Alagado do Recife – s.autor ou.data

De qualquer modo o ritmo das *urbis* começou a se impor, inundadas por “carruagens velozes em vez de palanquins lentos”. Com a vertigem do novo, também chegaram os “cortiços, preferidos aos mucambos pelo proletariado de estilo de vida mais europeu”. Espremidos entre paredes, os europeus não ousaram se espriar nas sombras das matas, ou dos coqueiros das praias. A cidade se

verticalizou, subindo morros, escapando aos impostos. A infraestrutura sanitária precária e distante, confirmava hábitos insalubres e horripilantes de se ver, como corpos humanos e de animais, além de outros despejos ondulando pelas praias e riachos (Freyre, 2002, p. 881).

No início da industrialização ainda havia uma constelação de fazeres étnicos, campos de memória permeáveis ao passado que misturavam mulheres desprezadas socialmente e trabalhadores sem direitos, numa paisagem de azulejos com chafarizes e doces de origens confusas entre o Oriente e o Ocidente. Freyre percebeu que o exótico começou a se misturar à paisagem, tomando um gosto familiar, borrando as memórias.

A ilusão de permanência e eternidade das velhas paisagens sucumbe aos horizontes urbanos, inquietos e cambiantes. A cidade é tão impressionante por trazer em sua paisagem o contraditório entre o eterno e o descartável. Construída sobre pedras e tijolos, a cidade se reconstrói freneticamente, produzindo o deslumbramento frente “o eterno do transitório” como Baudelaire denominou a modernidade (Baudelaire, 1996, p. 10). A cidade se constrói como uma casa de espelhos. Espaço real ou ilusório se converte em teatro, onde as distinções do jogo social surgem como jogo cênico. Relações que se percebem e, onde tudo é objeto de percepção. Os símbolos de tempos passados, confusos em citações de linguagens distantes, misturam vozes passadas e alhures entoando cantos que se cristalizaram num ritmo de ser e de olhar, não planejado. Tais símbolos foram sendo embaralhados, difundindo uma mescla que se deu na pele, na cultura, na forma do espaço se impor e se construir, ainda que não de forma política oficial, mas como ação política real. As ruas são ocupadas por novos rituais, em que Alcântara Machado enxerga a troca das novidades modernas pelo pitoresco:

Domingo carnavalesco. Serpentinhas nos fios da Light. Negras de confete na carapinha bisnagando carpinteiros portugueses no olho. O único alegre era o gordo vestido de mulher. Pernas dependuradas da capota dos automóveis de escapamento aberto. Italianinhas de braço dado com a irmã casada atrás. O sorriso agradecido das meninas feias bisnagadas. Fileira de bondes vazios. Isso é que é alegria? Carnaval paulista (Machado, 1978, p. 83).

Parece só existir um modo de ser receptivo em relação às transformações: inserir a desorientação no interior dos próprios horizontes, abandonando-se à perda, usufruindo a própria perdição e remapeando continuamente o nexu psiquê-território. Como lembra Canevacci que pensa o espaço urbano pelos signos e sinais, para manter afinidade com o narrador benjaminiano deve-se tornar familiar o que é estrangeiro e estranho o que é familiar (Canevacci, 2004, p. 105). Freyre percebe a justaposição de costumes, dando provas do jogo de poder que se instaura pela ampliação dos mercados. É preciso que os padrões sejam seguidos para facilitar a aceitação das mercadorias, nem que para isso surjam justificativas teológicas, higiênicas, estéticas, ou mesmo pressões competitivas entre campo e cidade, entre matriz e subalternos colonizados.



Quilombolas atuais – s/autor ou data

Nas maiores cidades brasileiras, no início de sua industrialização, os espaços simbólicos são reformados por vergonha de seus rastros passados. Tentaram apagar vestígios rurais, escravocratas ou periféricos de todo jeito. Ganharam-se os excessos dos estilos híbridos como o chamado “eclétrico” que misturava França, Oriente Médio e pitadas de inventividade local (Reis F^o, 2006, p.182). Mas a pobreza insidiosa se esgueira pelos espaços esquecidos ou pouco vigiados e ali se instala, perigosamente, acusando os disparates de uma urbanização feita pelos desígnios do capital internacional, onde cortiços, cabeças-de-porco, favelas e mucambos, na lama ou no seco, no morro ou nos centros das cidades, deterioraram o que não chegou a se fazer novo, confirmando a melancólica percepção de Lévi-Strauss. Em *Tristes Trópicos* o antropólogo constatou que as cidades do continente americano sofriam da ânsia pela modernidade, tendo surgido sob as regras do capitalismo mercantil, num ritmo não apenas frenético, mas, destruidor: “... las ciudades del Nuevo Mundo pasan directamente de la lozania a la decrepitud, pero nunca son antigua (...) Para las ciudades europeas, el paso de los siglos constituye una promoción; para las americanas, el de los años es una decadencia. No solo están recientemente constituídas, sino que lo están para renovarse con la misma rapidez con que fueron edificadas, es decir, mal”. (Lévi-Strauss, 1996, p.97 e 106).

Nas áreas abandonadas ou ignoradas pelo Estado ou pelas classes governantes, os espaços ganham novas funções, no afã de se protegerem. Favelas substituindo senzalas, camburões substituindo feitores, não apenas oprimindo, mas também, garantindo a manutenção do ritmo apropriado à produção e acumulação de bens e riquezas, e onde imigrantes e migrantes ilegais escamoteiam a exploração desvairada sob o Contrato Social.



Cortiços em antigos casarões – Vila Itororó⁴

Mário de Andrade tentará proteger patrimônios construídos ou ocupados, identificando, arquivando, etiquetando, transformando em turismo e outras categorias de interesse nacionais. O modernista, responsável pela fundação do IPHAN, tomba cidades, ruas e monumentos desde 1937, mas ficamos entre o ‘folk-lore’, o esquecimento e a violência dos bolsões de abandono onde ainda reinam confrontos e violências que se submetem às grandes vias, à grande lei da circulação. A hierarquização dos espaços nacionais responde às leis de grupos de poder.

Mais adiante, tivemos nosso momento de destruição e reconstrução como ocorreu com Paris no início do século XIX. Haussmann foi um prefeito fáustico que destruiu a velha e medieval cidade de Paris, conhecida como Lutécia, promovendo sua nova designação de “Cidade Luz”, adaptando-a à modernidade industrial. Essa imensa reforma custou anos de obras, com o fim de um milenar *modus*

⁴ A Vila Itororó foi uma mansão em três andares construída pela riqueza do café na década de vinte, à Rua Martiniano de Carvalho no bairro da Bela Vista em S.P., que com a crise foi abandonado pelas dívidas, caindo em degradação acomodando dezenas de pessoas refugiadas, transformando-se em um grande cortiço com mais de 37 casebres construídos ao seu redor desde a década de 1970.

vivendi e a vitimização de milhares de habitantes que assistiram à destruição de sua antiga cidade de forma traumática. Essa modernização, dolorosa e fascinante, será tema de toda a vida e obra do grande Baudelaire, analisado por Walter Benjamin e por Marshall Berman.

A escolha de destruição de formas antigas virá justificada ideologicamente pela busca de Identidade Nacional do Estado Novo. Embora o patrimônio histórico congele, tombe, enquadre e perfume velhos equipamentos públicos e formas de vida tradicional, a memória oficial pretende revitalizar e revalorizar, mesmo o que já morreu ou perdeu sua validade, tentando retomar com a nobre chancela da “cultura oficial” o que se museifica sem reflexo na realidade. De um lado a velocidade e a circulação de mercadoria, de outro, o tombamento de ladeiras, esquinas, prostíbulo, bebedouros e mictórios, imersos numa culpa, ou sonho, ou fantasia, na busca por *madeleines* proustianas e, claro, abrindo fronteiras de novos investimentos, em que setores recuperam valores de mercado.

Nas intervenções cuja intenção é o “restauro”, há que se ter em mente os limites do resgate das eras. Arquiteturas e vias podem ser reconstituídas, passarem por novas feições plásticas e cênicas, porém, já se calaram e não nos contam mais dos vagares dos séculos passados. Paraty vem de manso falar dos ataques piratas, suando entre ondas e pedras as batalhas sofridas em suas velhas ruas tortuosas, e a cidade de Cunha esburacada de balas, heróica em batalhas de emboscada na Revolução de 1932, mas ambas vivem do burburinho turístico hoje em dia. Outras ainda surgem, entre histórias inventadas e reais como a doce Blumenau, que se recriou numa ideia menos memorialista do que turística, oferecendo descontos de IPTU aos reformadores que aderissem ao enchainel⁵. As revitalizações são buscas dos valores espirituais de um período, por sobre as dores perdidas dos conflitos expostos em espaços reinventados.

Antigas cantigas, lamentos de escravos, jogos infantis e fachadas de novos lares, passam a monologar perdidas por velhas cidades. Sem ecos trazidos pela memória, os novos espaços levam os corpos citadinos aos afazeres industriais, embotados nos ritmos produtivos, menosprezando e esquecendo dores, cantos, folguedos, fazeres e visões familiares. Desde as referências escritas, poemas, ficções, teatros, teorias, Freyre, Oswald e tantos outros, inclusive o cancionero popular⁶, afirmavam a ideia de uma tristeza inerente, nativa, atávica. Mas uma ideia de alegria associada à formação do povo brasileiro vai se instalando após a ditadura, combatendo os *slogans* dos opositores, subversivos ou não, que apontavam o nível de infelicidade a que a população era submetida, censurada e esquecida. Um novo mito estava sendo inventado, contrapondo-se às críticas expostas pelos muros, folhetos e outras formas perseguidas de expressão. A alegria assumirá novos contornos de verdade após a Copa de 70, quando a oficialidade, apoiada em publicidade pesada, passa a “vender” a ideia de um povo alegre e festivo (Autran, 1979, p.95)⁷.

⁵ Blumenau resolveu assumir visualmente seu passado alemão depois de ter sofrido uma enchente trágica que quase destruiu a cidade em 1983. Para sua recuperação, usaram a *Oktober Fest* como estratégia para se reinventar financeiramente, não por tradição. Ela se reinventou transformando a cidade num ‘cenário alemão’.

⁶ Os cantores famosos de um período anterior à ditadura cantavam serestas, boleros, samba-canções e estavam associados à melancolia e sentimentalismo. Embora a contracultura tenha provocado uma mudança nos parâmetros estéticos em geral, no Brasil, a ditadura apoiou a “alegria” ideológica do novo movimento.

⁷“O Ministro Ney Braga, em janeiro de 1975 disse que havia um grande interesses do governo em conquistar a simpatia popular, o que só pode ser feito através de artistas ou jogadores de futebol”.



Ocupação prédio na Av. Ipiranga – Movimento dos Sem Teto – SP

Moda, *show business* em geral, música em especial, a indústria cultural como um todo, irá assumir (alegremente?) a nova ideia, vendendo-a por sobre todas as formas passadas de injustiça e insatisfação. O Brasil passará a ser conhecido como um povo feliz e alegre, reafirmado pela publicidade, pelo turismo e outros órgãos oficiais, incluindo o Ministério da Educação, responsável pela difusão incessantemente dessa ideia. Sob a Política Pública da Alegria serão privilegiados equipamentos associados ao Carnaval em detrimento de cadeias, transporte e escolas públicas, reduzidos a um número mínimo, desajustados em relação à demanda social.

As leituras de novos espaços, quando não estão associados ao jogo violento da reafirmação de *status* (sinais de riqueza ostensiva) ou ao jogo violento das gangues de excluídos (e toda a imagem de miséria associada a elas, mesmo em suas manifestações “artísticas”, como as pichações que se alastram pelas grandes cidades), tentam garantir o cenário fictício da felicidade.



Makota Valdina⁸

Arquitetura e urbanismo se apoiam, desde os anos setenta do século XX, na manutenção de um palco esquizofrênico entre as citações pós-modernas de uma história que nos é estranha, aos cacos permanentes de uma nacionalidade que se construiu caótica e abandonada de qualquer projeto de inclusão de cidadania, quando do *boom* de suas capitais. Se a diáspora ocorrida depois da libertação dos escravos tivesse sido planejada, ainda que visando um mero funcionalismo produtivo, conflitos

⁸ Educadora e militante pela tolerância ao Candomblé, a baiana diz: “É preciso ser sujeito e não objeto dessa história”. Ler mais em <http://g1.globo.com/bahia/flica/2013/noticia/2013/10/e-preciso-ser-sujeito-e-nao-objeto-diz-makota-valdina-sobre-o-candomble.html>.

tão contraproducentes ao fluxo da circulação do capital não existiriam de forma a vitimizar todas as camadas sociais, em especial as mais expostas, desprotegidas e ainda tão estigmatizadas, como aquelas camadas sociais herdeiras da forma incompetente e cruel que se seguiu à Lei Áurea.

Sobre uma estratificação criminoso, construiu-se um alegre refrão de felicidade, ao invés de investimentos por melhores condições sociais, deixando que a responsabilidade e dolo pelo abandono prescrevesse. Mas como dizia Jorge Luis Borges, parafraseando Carlyle, não importa a verdade, basta que acreditemos, e a História será oficial.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AUTRAN, Margarida. (1979), "O Estado e o músico popular: de marginal a instrumento", em A.M. Bahiana, et. alli. *Anos 70: música popular*, Rio de Janeiro, Europa.
- BENJAMIN, Walter. (1975), "O Narrador", São Paulo, Abril. em *Coleção Pensadores n.48*.
- BAUDELAIRE, Charles. (1996), *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*, Rio de Janeiro, Paz e Terra. (Coleção Leitura)
- CANEVACCI, Massimo. (2004), *A Cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*, São Paulo, Studio Nobel. (Col. Cidade Aberta).
- CLAVAL, Paul. (2001), *A geografia cultural. 2. ed.*, Florianópolis, UFSC.
- DA COSTA, Emilia Viotti da. (1971), "Introdução ao estudo da emancipação política do Brasil", no D.G. Mota (org.), *Brasil em Perspectiva*, São Paulo, Difusão Européia.
- FREITAS, J.C. (1987), "Agricultura itinerante". Em *Espaço: Função, organização, uso*, Guarulhos/SP, Universidade de Guarulhos.
- FREYRE, Gilberto. (2002), "Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano", no S. Santiago (org.), *Intérpretes do Brasil*, Volume II, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. (1994), Prefácio: "Walter Benjamin ou a história aberta", no W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas volume I, São Paulo, Brasiliense.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1996), "El Nuevo Mundo", no *Tristes Trópicos*, Buenos Aires, Paidós. (Collectión Paidós Básica, n. 45).
- MACHADO, António de Alcântara. (1978), *Novelas paulistanas. 5 ed.* Rio de Janeiro, José Olympio.
- MACHADO DE ASSIS. (2000), "Pai contra mãe", no I. Moriconi, *Os Cem melhores contos brasileiros do século*, São Paulo, Cia das Letras.
- PERLONGHER, Nestor. (1995), "Territórios marginais", no M.C.R. Magalhães. (org.), *Na sombra da cidade*, São Paulo, Escuta. (Coleção Ensaio: Subjetividade e urbanização).
- REIS Fº, Nestor Goulart. (1987), *Quadro da Arquitetura no Brasil. 6 ed.*, São Paulo, Perspectiva. (Coleção Debates, n.18)
- SANTOS, Milton. (2004), *Pensando o Espaço do Homem. 5 ed.*, São Paulo, Edusp. (Coleção Milton Santos, n. 5).

- **PARA MAIS IMAGENS SOBRE A FORMAÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL**, acessar o Pinterest: <https://br.pinterest.com/glauciapimentel/forma%C3%A7%C3%A3o-do-esp%C3%A7o-brasileiro/>